

Nacional

GAZETA MERCANTIL

VIAGEM PRESIDENCIAL

Democracia garantiu a adoção do Cruzado, diz Sarney aos empresários

Na integra, o discurso do presidente José Sarney no American Society, na sexta-feira:

"Agradeço, particularmente sensibilizado, as palavras de acolhida que Vossa Excelência acaba de pronunciar.

Elas testemunham o interesse com que esta importante sociedade considera o Brasil e as relações entre nossos países.

Ao aceitar, muito honrado, a medalha de ouro da sociedade Pan-Americana com que me distingue a sociedade das Américas, faço-o certo de que esta é, mais que uma homenagem pessoal, uma expressiva demonstração de reconhecimento e de apoio ao Brasil e ao povo brasileiro.

Venho a esta grande e pujante nação como Presidente de um País que escolheu e soube restaurar, em paz e sem vacilações, a democracia e a liberdade.

Para isso, povo e governo têm trabalhado juntos.

As conquistas políticas são efetivas e deram nova face à vida institucional do País.

Restauramos a plenitude do direito do voto, reconquistamos a liberdade sindical e de expressão, reorganizamos em pleno a vida partidária e estamos a caminho de eleger uma Assembleia Nacional Constituinte, à qual incumbirá elaborar os preceitos que mudarão as instituições democráticas do Brasil das próximas gerações. Estarão balizados, então, os caminhos que conduzirão o País a uma sociedade mais justa e desenvolvida, sob o primado da liberdade política e econômica e dos direitos sociais dos cidadãos.

A democracia no Brasil não é uma conquista que se esgote em si mesma, mas um processo que se deve estender a todos os setores da vida nacional, para que tenhamos condições de saltar em direção a um estágio avançado de sociedade industrial. Somente no contexto de um governo democrático, merecedor do crédito e da confiança da Nação, teria sido possível — como efetivamente foi — implantar no Brasil o plano de estabilização da economia. A ampla e profunda

reforma econômica lançada em fevereiro último teve êxito porque interpretou corretamente o desejo da sociedade brasileira de deixar para trás, definitivamente, uma situação perversa, em que a inflação galopante corroía os salários e a especulação financeira substitua o investimento produtivo. Nos quatro meses que se sucederam à implantação da reforma, os índices inflacionários mensais não acumularam mais que 3,5%. No Brasil, a hiperinflação pertence ao passado. Está banida a especulação financeira. Mudaram as mentalidades. O País está preparado para crescer e para receber o investimento produtivo, bem-vindo por gerar empregos, transferir conhecimentos e contribuir para o desenvolvimento efetivo do País. Fomos capazes de retomar o crescimento econômico a taxas anuais de 8%. Passados o pessimismo e a desesperança criados na recessão e na resistência dos problemas aos remédios tradicionais, o Brasil volta a ser um país onde o modelo de uma economia aberta vem alcançando êxito necessário para tornar o desenvolvimento um objetivo real, e não mais mera aspiração.

Com as instituições democráticas fortalecidas e dispondo hoje de uma economia caracterizada pela transparência e previsibilidade, o Brasil reúne os instrumentos que lhe permitem enfrentar, com objetividade e desassombro, os graves problemas que constituem a maior e mais premente dívida da sociedade brasileira: a dívida moral que ao longo da história contraímos junto a grande parcela da população brasileira, pobre e carente.

Embora tenhamos alcançado o oitavo posto entre as maiores economias do Ocidente, jamais chegaremos a formar uma sociedade desenvolvida enquanto perdurarem no Brasil bolsões de pobreza absoluta. Temos de incorporar todos os brasileiros à economia, e vamos fazê-lo. Chegou a hora de buscar novas fórmulas que nos permitam repartir a riqueza que produzimos. Nossas prioridades são duas: crescer e investir na produção e no setor social.

Nossas ambições são grandes, mas hoje se mostram factíveis. E o êxito brasileiro não será apenas uma conquista do nosso povo, mas uma demonstração do acerto das fórmulas que estão na base das modernas economias de mer-

cado, uma vitória dos valores do Ocidente: é uma realização importante sob todos os aspectos, porque o Brasil tem uma participação crescente no comércio internacional e é uma força a serviço do equilíbrio e da conciliação.

Tendo logrado a estabilização do setor interno da economia, vamos nos dedicar agora ao ajustamento definitivo do setor externo, o que inclui uma ampla renegociação da nossa dívida. Abandonamos o modelo adotado há alguns anos de convívio com a crise financeira, que impunha a compressão de importações e levou o País à recessão. Embarcamos decididamente no modelo de crescimento acelerado, verdadeira vocação da economia brasileira e exigência da sociedade.

O atual nível de crescimento do produto, 8% ao ano, já se reflete no aumento das compras que faremos dos nossos principais parceiros comerciais, sobretudo dos Estados Unidos da América. Nosso saldo comercial com este país reduziu-se 23% em 1985, e este ano estamos importando 25% a mais de produtos americanos do que no ano passado. Com a redução do nosso saldo comercial global, que hoje ainda alcança cerca da metade de nossas exportações, disporemos de menor volume de recursos para atender ao serviço da dívida. Temos, portanto, de renegociar a dívida, para reduzir o montante de pagamentos por algum tempo e assim podermos importar os bens de que necessitamos para sustentar nosso crescimento.

Confiamos em que as elevadas taxas de crescimento, a mão-de-obra eficiente, as matérias-primas abundantes e a moderna infraestrutura de que dispomos voltarão a atrair os grandes volumes de capital que

normalmente fluem para o Brasil em épocas de expansão. A legislação equânime, estável e transparente que regula o investimento estrangeiro já provou sua eficácia em mais de vinte anos de existência e continuará a assegurar no futuro o mesmo tratamento dos investidores que aportarem seus recursos e sua tecnologia para criar empregos no País e beneficiar-se de seu progresso.

A eles, bem como aos investidores privados brasileiros, oferecemos uma economia aberta e democratizada, cujo motor é a atividade empresarial privada. Uma economia em que o cidadão encontra cada vez mais motivos para destinar uma parcela de sua renda à poupança e ao investimento, e onde a empresa privada tem acesso cada vez mais amplo aos recursos para financiar sua expansão. Senhor Presidente da Sociedade das Américas.

Cabe-me presidir um país que chegará ao ano 2000 com uma população de 180 milhões de habitantes. Redemocratizado e revitalizado pelo crescimento econômico, o Brasil estará em condições de incorporar esse enorme contingente à atividade econômica. Dispomos dos meios e, mais que tudo, da determinação para consolidar a sociedade estável, participativa e pluralista que recém-conquistamos, e que forjará o Brasil do próximo século.

Somos uma nação com identidade cultural própria, afirmativa de seus valores. Prezamos a liberdade. Acreditamos firmemente que o futuro passa necessariamente pela cooperação e pela integração entre as nações. E também com base nessa cooperação que desejamos fortalecer as condições que acelerem nosso desenvolvimento e permitam ao país acompanhar os avanços da ciência e da tecnologia, sobre os quais repousará a sociedade do amanhã.

Somos um país democrático. Acreditamos na livre iniciativa. Estamos convencidos de que sem liberdade econômica não há liberdade política: sabemos que onde a liberdade econômica feneceu, também acabou por eclipsar-se a liberdade política.

Esta sociedade tem sido um dos instrumentos à disposição de melhores relações econômicas entre a América Latina e os Estados Unidos. O espírito que preside seu funcionamento e o papel que vem tendo na promoção do intercâmbio empresarial merecem de nós respeito e admiração.

Estou certo de que o simbolismo desta medalha que a sociedade me confere é a melhor ilustração da nova etapa que estamos construindo nas relações entre nossos países: Relações feitas à base de confiança, entendimento mútuo, identidade de valores e numerosos interesses recíprocos.

Muito obrigado